

Melhor que uma Escola: a Experiência do Projeto Semear

Eugênia Paim

Mestre em Sociologia/IFCS/UFRJ; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Infância (NEPI); Laboratório de Pesquisa Social (LPS); Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: epaim@uol.com.br

Eugênia Paim. Melhor que uma Escola: a experiência do Projeto Semear. Este trabalho, de perspectiva etnográfica, trata da dinâmica de um projeto "alternativo" de ensino supletivo o Sítio Escola Projeto Semear -, voltado para o atendimento de jovens das camadas populares de 13 a 18 anos, excluídos do sistema regular de ensino. Aliando educação formal, educação para o trabalho e serviços filantrópicos, o projeto atua agindo nas lacunas deixadas pelas políticas públicas. É definido pelos alunos como "um lugar melhor que uma escola" já que, além de oferecer instrução e profissionalização, se constitui em um espaço de suporte cotidiano, que se opõe ao espaço "agitado" das comunidades de onde vêm, e de reconstrução de identidade para segmentos da população cada vez mais ameaçados pela pobreza e ignorados pelo Estado.

O Sítio Escola Projeto Semear é uma instituição para meninas e meninos pobres, na faixa etária de 13 a 18 anos, evadidos da rede escolar de ensino, que funciona em Vila Kennedy, na periferia do Rio de Janeiro. Nasceu dos radicais projetos de remoção de favelas levados a efeito nas décadas de 60/70 nesse estado. Ironicamente, em uma das duas praças deste local, que se divide em "comunidades" com nomes de novelas de TV Cavalo de Aço, Rebu, Selva de Pedra, Carinhoso, etc. repousa uma pequena réplica da Estátua da Liberdade. Na verdade, Vila Kennedy é um naco de terra cortado em duas metades, margeando a Avenida Brasil. O bairro faz parte da chamada Zona Oeste junto com outros, como Campo Grande, Santa Cruz, Realengo, Senador Camará, Vila Aliança, Magalhães Bastos, Jacarepaguá e Bangu, dos quais quase não se distingue. É neste entremeio que fica o Projeto Semear.

O Projeto, que funciona desde 1987 em um sítio de 40.000 m², comprado pela Casa do Pobre de Nossa Senhora de Copacabana através de um empréstimo de "pai para filho" do Banco Econômico, pertence à Pastoral do Menor da Arquidiocese do Rio de Janeiro e é mantido por "vários convênios" Estado, Prefeitura, Exército, Marinha, Monaco Aide et Présence (MAP), de Mônaco, Children Mission Found (CMF), da Alemanha, BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), LBA (Legião Brasileira de Assistência) e CBIA (Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência).

O Semear, que é considerado por sua clientela, "um lugar melhor do que uma escola", coincide com o tipo de demanda escolar das camadas populares. Seu modelo obedece ao perfil da escola "abrangente", ou seja, aquela de horário integral que oferece, além dos serviços educacionais, preparo para a entrada no mercado de trabalho e assistência através de abrigos, serviços de saúde, alimentação e higiene, como a dar continuidade às ofertas dos projetos filantrópicos.¹ Em última instância, absorvendo inteiramente o aluno, essa escola faria parte de um modo prático através do qual alguns segmentos das camadas populares desenvolveriam uma estratégia de proteção contra o mundo da violência e do crime aliada a instrução e profissionalização.

O desejo por este modelo escolar abrangente e inclusivo começa a se concretizar com a Lei 5.692, de 1971,² do Conselho de Educação do Distrito Federal, cujos artigos 9 e 64 autorizavam experiências pedagógicas especiais, dirigidas a alunos portadores de deficiências físicas ou mentais, ou ainda em atraso em relação à faixa etária regular matriculada, caso em que se enquadram os alunos do Semear.³

No plano da prática, facilitado pela Lei e pelo contexto político transformador dos anos 80 em relação à infância e à adolescência, surge o Projeto Semear estruturado a partir de uma experiência anterior bem-sucedida de ensino profissionalizante desenvolvida na cidade de

Cordeiro, RJ. Como "proposta alternativa de ensino supletivo de 1º grau", o Semear tornou-se, na Zona Oeste, um ponto de referência, a escola para aqueles que não têm escola e que carregam sobre seus ombros um fracasso que não é deles, mas do sistema de ensino formal.

"Uma Escola para Meninos de Rua aqui no Oeste"

O Semear se consolidou a "duras penas", como dizem suas coordenadoras. Durante dois anos, conta Maria Helena, lutaram contra a falta de verbas e, conseqüentemente, a falta de pessoal, alimentos, etc. (o Estado só cumpriu o convênio, no qual se responsabilizava por envio de pessoal, tanto professores, quanto o pessoal administrativo, e material didático e mobiliário, depois de muito pressionado). Só quando teceu uma grande rede de parcerias, o Projeto ganhou uma certa estabilidade e pôde oferecer aos alunos a indispensável continuidade para atingir seus objetivos.⁴

As verbas recebidas, como a dotação da CMF, da Alemanha, têm permitido fazer funcionar o sistema, através do qual cada aluno tem um "padrinho" que lhe envia cerca de U\$S 20 mensais. Esse dinheiro, em comum acordo com os meninos, é administrado pelo Projeto e custeia algumas necessidades, desde a compra de filtros e cobertores para casa, roupas, material escolar, remédios, até a de um intensamente desejado par de tênis. Outra verba, a do MAP, de Mônaco, permitiu que se inaugurasse uma casa de acolhida em Senador Camará, o que totaliza para o Projeto duas casas.

Assim, o Projeto, integrando várias frentes de atuação e diferentes parcerias, inclusive as mais domésticas (com a creche Centro Comunitário Irmãos Kennedy que vende ou troca o pão que fabrica por verduras da horta; com o açougue, que mantém fixo o preço da carne por um mês, além de estocá-la; com o Supermercado Rio, que funciona como o açougue eles pagam todos os suprimentos, mas os retiram aos poucos; e com a empresa de ônibus Oriente, que transporta os meninos gratuitamente), vem oferecendo um suporte cotidiano a essas crianças e jovens das classes populares vítimas da exclusão social. Por isso, D. Madalena diz que o Semear chegou à Zona Oeste "a tempo e a hora". Ela, que se afastou recentemente do Projeto, esteve no Semear desde o seu início, ou melhor dizendo, o Semear começou a partir de seu trabalho com 19 meninos, de 13 a 20 anos, que ela já atendia em Senador Camará, na Selva de Pedra, uma comunidade que reúne mais de 3.700 famílias. Com ela, os meninos, aos domingos, rezavam, tocavam violão, tomando suco com biscoito que os vizinhos lhe davam; "mas isso não era tudo, faltava algo". Ela se sentia impotente frente ao que via, os "meninos se perdendo, se matando tudo. Morreu muito garoto." Assim, D. Madalena começa a reivindicar, pela Pastoral de Favelas, "aula profissionalizante para os meninos". Depois de muitas rezas, procissões e jejuns que ela organizava, soube, num encontro, que a Pastoral do Menor ia inaugurar um "escola pra meninos de rua aqui, no Oeste". Achando que alcançara a graça suplicada, faz contato com as pessoas que coordenavam o projeto articulando-as com as comunidades locais.

/.../ Aí a Madalena trouxe. Primeiro a gente começou com 50 crianças, foi imposição nossa, porque a gente estava querendo tomar pé no assunto ainda. Quer dizer: ler... estudar... conviver com aluno de escola do estado; a gente não sabia bem como era a coisa. A gente tinha toda uma larga experiência, mas para nós era novo isso aqui. E foi muito bom porque foram os 50 alunos mais brabos que a gente já teve até hoje. Depois deles, a gente começa a tirar de letra. E a gente conseguiu se entender com eles. O início foi muito difícil, os 6 primeiros meses eu e Amélia saíamos daqui sem voz, porque eles não sabiam falar baixo, a gente tinha que falar alto para poder conseguir conversar com eles. Diálogo era uma coisa quase impossível, eles não confiavam na gente, eles não davam endereço para a gente: "Onde é que você mora?" "Não sei". "Não sabe seu endereço?" "Não sei não senhora." Tudo bem, deixa para lá. Porque eles também não confiavam. O que que elas querem? Depois fomos descobrindo que eles estavam desconfiados: "O que que essas mulheres querem da gente?!". Estão dando tanta coisa para a gente, para que?!". "O que que vão pegar em troca?". Porque essa é a lei da vida deles. Você dá com a mão

direita para pedir com a esquerda. Era muito complicado, a entrada no refeitório... foi uma luta para eles aprenderem a entrar no refeitório, porque eles também estavam habituados que os primeiros comem e os últimos não comem, até eles perceberem que aqui primeiro e último comem exatamente a mesma coisa, não importa a hora que você entra no refeitório. Eu ia para a porta do refeitório e segurava a multidão do lado de fora. Botar os 50 para fazer uma fila para poder entrar um a um era uma guerra. Eu dizia para eles: Não vai entrar; e eles, apesar de muito grandes e muito bravos, eles respeitavam a gente. Depois que a gente ganhou a confiança deles ficou muito mais fácil. (Maria Helena)

O Semear se origina, portanto, de várias iniciativas: de um lado, um grupo de educadoras que faziam parte do Núcleo Comunitário Monsenhor Manoel D'Assumpção Castello Branco, Casa do Pobre da Igreja N^a S^a de Copacabana, da Pastoral do Menor; de outro, uma "nortista" do Ceará, como se refere a si própria D. Madalena, o que vai refletir o outro lado do Semear, aquele que se refere à implementação comunitária que caracteriza e identifica sua clientela, meninos e meninas que chegaram ao Projeto a partir de uma abordagem na comunidade e não a partir de uma abordagem na rua.

Com o início das aulas, o projeto amplia o número de atendidos e começam os ajustamentos a partir do reconhecimento mútuo, fundamental, como elas frisaram, para o desenvolvimento da "confiança", base para o estabelecimento da pedagogia a ser utilizada.

No Ônibus da "Salvação": Da Comunidade para o Semear

No Projeto Semear, depositaram-se grandes expectativas, que podem ser sentidas já no trajeto, no ônibus sempre lotado pelos alunos. A maior parte o pega em Senador Camará, e o restante, em Vila Kennedy. De manhã, a praça é bastante movimentada, os ambulantes armam suas barracas, os lixeiros limpam os gramados pontuados por despachos; há um grande movimento de bicicletas, transporte comum por ali, e as crianças se agrupam para irem juntas para as diferentes escolas do bairro. Os meninos do Semear são alvos de comentários por parte dos outros, que estranham que o Projeto seja uma escola onde "os alunos não levam material". Pelo que ouvi, alguns classificavam o Projeto como uma "escola fraca", uma postura que revela a suspeita de que tudo que não é oficial, não é bom.

No ônibus até o Semear se colhem as primeiras informações do dia e estima-se a "temperatura" da garotada. A balbúrdia é geral, os meninos se atacam, brincam de brigar, arriscam uns namoricos. Dona Madalena, à época responsável pela viagem, mostrava-se muito brava, prometendo muitos castigos, dramatizando ao máximo seu papel, um recurso que os meninos conhecem e acatam. Há dias especialmente difíceis, em que o clima de brigar de brincadeira dá lugar a um outro, mais agressivo, que pode ser um reflexo das disputas acirradas do narcotráfico nas favelas de onde eles vêm. Como suas identidades estão intimamente ligadas aos territórios a que pertencem, acabam nesses momentos afetadas pelo domínio das duas principais facções criminosas de lá, o Comando Vermelho e o Terceiro Comando, sobre seus lugares de origem, cindindo-os e criando uma rivalidade que é expressa através de palavras ou comportamentos que reproduzem as disputas internas daquelas facções. A integração fica difícil, o clima de enfrentamento agora é real, e todos tornam-se, uns em relação aos outros, "alemães". Nesses momentos, percebendo a divisão do grupo, Dona Madalena fica mais veemente e seu discurso ganha tons de pregação:

"Não estou levando vocês para o cemitério. Esse ônibus leva meninos que querem se salvar. Vocês estão indo para uma escola, e não para a boca-de-fumo".

A autoridade de D. Madalena para fazer este tipo de discurso se constrói a partir do fato de ser ela alguém de dentro do grupo, que compartilha com eles um mesmo universo. Todos sabem que a vida é curta para quem percorre o caminho do narcotráfico e o ônibus para o Semear pode representar a possibilidade de trânsito por uma rota alternativa.

Logo que chegam ao Semear, os meninos vão para a rodinha onde rezam, ouvem informes, fazem comentários, e começam a se concentrar para trabalhar. Em seguida, tomam o café e vão para aulas ou oficinas. Não há rigidez, e conforme seus horários podem circular pelo lugar, tomar banho de rio, jogar pingue-pongue, conversar à beira da piscina (vazia), cantar rap e funk e até "roubar" caqui. A rotina inclui ainda algumas tarefas, como as de manutenção da escola todos são responsáveis pela limpeza do local, vestiário, banheiros, paredes, etc. , almoço e lanche. Muito exigentes em relação ao cardápio, reclamam constantemente da comida que, embora farta, não passa do trivial inclui carne, frango, macarrão, arroz, feijão, angu, legumes e sobremesa , talvez por desejarem algo que fuja daquela comida cotidiana e contenha novidades e guloseimas às quais não têm acesso. Elizabeth, uma das cozinheiras, não se conformava com o que ela interpretava como uma tentativa dos meninos de escolherem comida, algo que ela via como os desabilitando para as vicissitudes da vida futura:

"Pobre não pode ser assim, Onde já se viu pobre não comer angu?! Não se sabe o dia de amanhã, temos que estar preparados para tudo".

"Eu quero ser alguém na Vida": O Perfil dos Alunos do Semear

Os alunos do Semear são pobres, predominantemente negros, do sexo masculino e oriundos das diversas comunidades da Zona Oeste, com a idade variando entre 11 e 19 anos (oficialmente, de 13 a 18 anos). Como "meninos de comunidade", suas identidades estão intrinsecamente ligadas a seus locais de moradia, o que dificulta a formação de um espírito de grupo no Semear. O pertencimento a um território, que pode ou não se vincular ao comando do narcotráfico, delimita amigos e inimigos bem como os espaços permitidos e vedados a cada um. O lazer, através do baile funk, também reproduz essas rivalidades, com as "galeras" se formando a partir das comunidades e delimitando espaços onde pode-se ou não passar. Essa compartimentalização territorial levou um aluno a comentar que "isso aqui está parecendo a Bósnia-Herzegovina", já que o fato de pertencer a uma "galera" torna arriscado circular fora de sua faixa de segurança. Embora domine enquanto atividade de lazer, não é só o baile funk que diverte os alunos. Há os que preferem pagode ou forró, sem falar no futebol e nos "filmes de Van Damme".

Em relação à vida familiar, nota-se uma grande circulação de crianças e jovens entre diferentes unidades domésticas. Como observou Cláudia Fonseca, a circulação de crianças é o exemplo de uma dinâmica alternativa nas formas familiares de grupos populares. Sem condições mínimas para criar e manter um espaço doméstico, a unidade doméstica adquire uma fluidez de limites,⁵ um movimento que J., 16, chamou de "troca-troca".

"Ah, porque foi um troca-troca. Quando eu era pequena vim de São Paulo, fiquei com a minha mãe verdadeira, não, com a minha tia, para minha mãe verdadeira trabalhar /.../".

Trocam de família, de escola, de comunidade: da casa da "mãe verdadeira" ou do pai passam para a casa de uma madrinha ou de uma vizinha que vira "mãe de criação". Nessa circulação familiar, uma figura fundamental em termos de estabilidade de vida apareceu com frequência nas falas dos meninos, a avó, criando a figura da "mãe-avó", normalmente tida como inexistente nas camadas populares.

Em relação ao futuro, tanto os meninos quanto as meninas querem constituir família, casar, ter filhos e um emprego. Querem "ser alguém na vida", o que pode ser conseguido através da ida para o quartel, sendo pára-queda, padeiro, técnico em refrigeração ou guia turístico. Na trajetória em direção ao mundo do trabalho, alguns ex-alunos, como Célio e Pedro Paulo, tornaram-se professores do Projeto, o primeiro de capoeira e o segundo de silk screen. Um outro, Braquinho, que no dia 15/11/95 foi barbaramente assassinado, tornou-se inspetor. Todos chegaram a esses postos legitimados pelos colegas, embora isso não signifique que não haja um sistema de acusações operando entre e contra eles.

O comportamento dos alunos do Projeto Semear expressava várias características, que constituíam suas identidades. Uma dessas características, que decorre diretamente de processos de exclusão social capazes de redirecionar e interferir nos seus padrões de atuação privados e públicos, pode se traduzir na palavra "revoltado", provavelmente a mais ouvida como qualificativo para traduzir as conseqüências, no plano individual, de situações pelas quais passavam e consideravam injustas: "Por isso, agora eu sou revoltado", sendo que esse "por isso" podia se referir à violência doméstica (menor do que a imaginada pelo senso comum), a discriminação escolar, violência do narcotráfico, desemprego ou brutalidade policial praticada contra eles.

Essa revolta, expressa num comportamento mais agressivo, acabava sendo chave para classificação dos alunos do Projeto em dois grupos: das "crianças" e dos "rebeldes". "Crianças" era um termo que se referia àqueles de temperamento dócil; "rebeldes", ao contrário, dizia respeito aos mais contestadores e transgressores, que não aceitavam a autoridade do adulto como natural:

"No Semear têm alguns que são crianças, mas a maioria é rebelde mesmo". (Elizabeth, cozinheira)

Mas o binômio comportamento rebelde e sentimento de revolta está presente neles, e é um traço que, além de revelar um estado de espírito insubmisso e inconformista, considerado como típico dos jovens, expressa principalmente uma resposta moral à adversidade, à injustiça, um desajustamento entre o que gostariam de viver e a situação objetiva de exclusão social pela qual passam e que é extremamente violenta.⁶

A Ciranda da Reprodução

A freqüência e a estabilidade dos alunos no Projeto é outro um ponto que chama a atenção. No Semear há uma rotatividade muito grande entre os alunos matriculados, isto é, os alunos saem e depois tornam a voltar. Gostam e não gostam de estudar. Dizem que "são do mundo", que "dão um tempo", confirmando as observações de Paiva de que o vaivém desses alunos corresponde, aqui, não a uma expulsão, mas a um movimento que reflete o rumo da vida de cada um.⁷ Assim, circulam: entram e saem da favela, entram e saem da família, entram e saem da escola...

Como conseqüência desse movimento, a disponibilidade de vagas depende do ritmo dessa rotatividade e a procura pelo Projeto das indicações dos próprios alunos, já que são eles os maiores divulgadores do Semear. Trazendo outros para o Projeto, agem como multiplicadores, o que confirma, mesmo considerando o vaivém, a aceitação do Projeto junto a sua clientela. Aquele que trouxe o amigo, por sua vez foi trazido pelo primo, que veio porque a namorada estudava lá.

A Construção de uma Pedagogia

A idéia pedagógica básica do Projeto Semear, conforme suas coordenadoras, é propiciar aos alunos a escolarização de que eles precisam partindo da descoberta daquilo que os leva a aprender, do "conteúdo selecionado" que eles possuem. A partir daí é que eles vão ser instrumentalizados para o que se chama de "ressocialização", num processo pedagógico em que a escolarização e a educação para o trabalho vão conviver "lado a lado". Por isso, conhecer esse educando através de um convívio diário, da observação dos comportamentos individuais e coletivos e do diálogo constante sobre seus valores, expectativas e projetos de vida permitiu ao Semear estruturar um currículo capaz de responder as necessidades e adequado às motivações apresentadas pelos alunos.⁸

Segundo as coordenadoras, o ponto de partida do Projeto para delimitar sua forma de ação foi trabalhar a dissociação que se percebia entre a cultura que os alunos dessa camada da população possuíam e aquela que a escola representava, "que não atende realmente ao que eles precisam". Para atingir seus objetivos, concordaram que teriam primeiro que "desenvolver um processo de cumplicidade" com os alunos que, assim, teriam a certeza de que seriam atendidos, para depois desenvolverem um currículo adequado às necessidades deles. Em vista dessa conclusão, a equipe da coordenação elaborou o currículo que é do tipo suplência, reconhecidos pelos Conselhos Federal e Estadual em 1988.

Nesse currículo, a parte pedagógica, no que diz respeito às séries, foi organizada em três estágios, com a faixa etária variando de 11 a 19 anos. No primeiro, há as turmas A e B, sendo os alunos da turma A, analfabetos. O estágio 2 também tem as turmas A e B, enquanto o estágio três é o único a não ser subdividido. Conforme o aproveitamento, eles passam de uma turma para outra ou de um estágio para outro, assim como também podem retroceder. Para a direção, isso é possível graças à elaboração de um "currículo maleável" e à constante avaliação e discussão com os alunos de seus avanços e retrocessos no processo de aprendizagem. O processo pedagógico obedece, então, a uma gradação em que os conteúdos são retomados e complexificados nos níveis mais adiantados e "a maleabilidade do currículo" pensada como uma solução para a reprovação em massa, aquela que Ribeiro chamou de "pedagogia da repetência".⁹ Nesse método, não se espera o aluno chegar ao final do ano para fazê-lo repetir integralmente a mesma série no próximo e, quando há repetência, o retrocesso não é absoluto. Ele pode, se recuperar e, assim que estiver apto, voltar ao ponto de onde precisou retroceder. Enfim, a mudança do aluno pode ser para frente ou para trás, independente da série, mas sim tendo em vista as avaliações periódicas que vão determinar o nível de aptidão que alcançou.

A escolarização, baseada na maleabilidade e na complexificação gradativa desses conteúdos, se constitui em um dos pilares da pedagogia do projeto. O outro é o que chamam de "educação para o trabalho" e se refere à profissionalização.

Em relação ao aprendizado, chama a atenção aqui a valorização do aprendizado das "boas maneiras", em relação à instrução. Há, sem dúvida, uma percepção da necessidade da instrução demonstrada pelo fato desses alunos já terem passado por três ou quatro escolas e ainda insistirem em aprender no Semear. Mas, quando perguntados sobre o que gostam mais de aprender no Projeto, apareceram respostas muito semelhantes a de Célio, 23, que, mesmo sendo um ex-aluno e atualmente professor de capoeira do Projeto, é modelar.

"Olha só o que eu vejo. No Semear, eles trabalham em várias coisas, entendeu, primeiramente trabalham na educação formal e trabalham também... é... ensinam a como se comportar, entendeu, /.../ ensinam a conversar, entendeu, a como chegar, entendeu, isso tudo, entendeu, o Projeto Semear ensina /.../.

O Projeto, para eles, "dá futuro" não só porque conjuga ensino formal e profissionalizante, mas também porque se ocupa em inculcar hábitos, transmitindo-lhes um "capital cultural" que eles percebem como capaz de modificar a "qualidade social" de quem o detém.¹⁰ Nesse sistema de formação dá-se muita ênfase à transmissão dos "bons modos" percebidos por eles como algo que pode favorecê-los na primeira oportunidade de levar avante qualquer projeto de vida que tenha em vista a inserção social.¹¹

Saber, por exemplo, que as meninas, ao agradecer, devem dizer "obrigada" e os meninos "obrigado", "respeitar os mais velhos", "receber ordens", "controlar as palavras", "medir as palavras" torna-se importante. Mais que regras de etiqueta, representam a aceitação de um modelo de educação que incorpora noções, valores e atitudes que vão procurando assimilar, talvez sabedores do quanto elas podem ser decisivas em relação à chance de mobilidade social.

"Não tenha medo, não sou bandido": o Semear e a Educação para o Trabalho

Além do curso supletivo regular de 1º grau, o Semear oferece dentro dos conteúdos programáticos, a "educação para o trabalho" formada de oficinas e cursos profissionalizantes, as primeiras no próprio Projeto e os cursos nos mais diferentes lugares, graças ao convênio que a Pastoral mantém com a Prefeitura, o Exército e, mais recentemente, a Marinha. A educação para o trabalho, para suas idealizadoras, é a pedagogia que objetiva, antes de mais nada, inserir os alunos na ética do mundo do trabalho, uma ordem que elas consideram pouco valorizada pelas novas gerações. Mas o que mais marca esse ponto, é que aqui o curso profissionalizante como integrante da pedagogia escolar, como já apontou Paiva, diferencia as escolas das camadas populares daquelas das classes médias e altas da população.¹²

No que diz respeito às oficinas, funcionam as de silk, tricô e crochê, corte e costura, educação para o lar, eletricidade, educação física, agricultura, jardinagem, avicultura e capoeira. Elas trabalham com os meninos, nas palavras de Maria Helena, a relação "eu e o mundo do trabalho", além dos aspectos artísticos e culturais (alguns ex-alunos do projeto, inclusive, acabaram se incorporando às oficinas como professores, como é o caso dos professores da oficina de silk e capoeira). Algumas são rentáveis, como o aviário, cuja renda da comercialização reverte tanto para os meninos que naquele momento estejam trabalhando nele, quanto para o Projeto.

Em relação aos cursos profissionalizantes, o Semear, através do convênio mencionado feito pela Pastoral do Menor, participa do projeto Pleitear, da Prefeitura, do Integração e do Rio Criança Cidadã, ambos do Exército e do CIANPA (Centro de Instrução Almirante Nilcides Portela), mais recente, da Marinha, que oferecem cursos diversos. Nas reuniões de acompanhamento mensal desses projetos comparecem representantes da Pastoral, do núcleo de onde o menino procedeu, além dos chefes dos instrutores. Para participar dos cursos, o aluno tem que estar matriculado na escola. Como alguns cursos são em horário integral, o aluno do Semear passa então a ter que estudar em outra escola da rede pública, mas sem se desvincularem do Semear.

É importante observar que a entrada nesses cursos de profissionalização é vista pela família e pelos próprios alunos como uma oportunidade que o Projeto oferece de integração social via mundo do trabalho. São portanto, extremamente valorizados reforçando as observações de que as camadas populares entendem que instrução e profissionalização caminhando juntas representam uma vantagem adicional. A prova disso é que uma avó, por exemplo, tentava matricular seu neto no Semear apesar de ele já estar cursando regularmente outra escola. Perguntada por que, ela argumentou primeiro que era "necessário ocupar o tempo dos meninos para eles serem alguém na vida". Depois, disse que seu objetivo, na verdade, era que o neto conseguisse, via Semear, participar do novo convênio com a Marinha, que estava provocando enorme interesse nos meninos pois prometia um curso de computação, muito valorizado por ser tecnologia moderna e apresentar uma área de mercado de trabalho mais promissora. Infelizmente, esse curso acabou não acontecendo, desapontando todos.

Esse fato revela como a procura por uma "ponte com o mundo do trabalho" é muito intensa entre as camadas populares já que o trabalho infanto-juvenil faz parte da educação dos seus filhos e a escola é vista e legitimada também como uma porta de entrada para o mercado de trabalho. Isso se dá, segundo Rosilene Alvim, porque o trabalho infanto-juvenil não é pensado, nessas classes, através da exploração e da desqualificação futura desses meninos, mas sim dentro de uma ótica de positividade que legitima a relação ordem/disciplina, trabalho/educação.¹³

Certamente, hoje há um componente novo nesta discussão, que fica por conta dos riscos e perigos que o narcotráfico veio trazer para os jovens no seu próprio local de moradia, o que acabou reforçando ainda mais, nas famílias, a idéia da necessidade de um ingresso o quanto antes no mundo do trabalho. Entrar para o mundo do trabalho pode significar uma dupla segurança, uma superposição de estratégias na medida em que aumenta a renda familiar "liberta da fome", e protege contra o "roubo", o "erro". Assim, a tão desejada "carteira assinada", metáfora da ordem, poderá chegar via Semear configurando uma outra opção, a do "rapaz bom", "trabalhador", que valoriza a identidade do trabalhador dando-lhe um "sentimento de dignidade" que ultrapassa o aspecto meramente pessoal, doméstico e econômico.¹⁴

Mas não é só através da participação nos convênios que oferecem ensino profissionalizante que a

questão do trabalho se encerra. A necessidade de ganhos os leva a improvisações bem realistas, que não dependem dos cursos profissionalizantes e que eles chamam de "ajuda" ou "biscate": fazer um carro, limpar um jardim, etc. Mas há outras situações em que eles se profissionalizam num processo que escapa ao Projeto, como se tornar padeiro, mecânico de automóveis ou guia turístico em Copacabana.

Certa vez, um dos alunos demonstrou muito interesse em aprender inglês. Assinava seus trabalhos como "The John" e eu resolvi um dia levar-lhe um fascículo desses cursos de inglês à venda em banca de jornal (o sucesso foi enorme, obviamente tive que levar outros fascículos). Como não havia material para estudo individual, combinaram um esquema de escuta conjunta da fita, usando o aparelho de som de um dos alunos que morava na casa de acolhida. Na visita seguinte, ele trouxe uma lista de expressões para serem vertidas para o inglês e explicou que seu objetivo era aprender essa idioma para tentar ser guia turístico na Avenida Atlântica, Copacabana, Zona Sul do Rio. A primeira frase, com a qual se apresentaria, era reveladora dos estigmas que enfrentam: "Não tenha medo, não sou bandido".

A Violência

A violência atualmente é o fator mais presente em qualquer projeto e influi decisivamente na dinâmica diária da instituição. Conforme observou Silva,¹⁵ ela torna-se cada vez mais um princípio de organização de esferas cada vez mais amplas da vida cotidiana, principalmente as das camadas populares onde o narcotráfico reorganiza as práticas do dia-a-dia dessa população. Nas falas dos alunos, percebe-se isso. Não é só a rua que é vista como perigosa, mas a própria comunidade é percebida como um espaço de perigo que os leva a procurar proteção fora, num lugar seguro.

"Agora, a maioria dos jovens lá (na comunidade), a maioria lá é misturada com a bandidagem. São poucos agora que tá normal, a maioria fuma, cheira, e vive no meio da rapaziada" (A., 19).

As observações de A. e de outros alunos atestam esse fato, e no avesso de seus discursos revela-se a importância da necessidade de espaços de socialização como o do Semear, que vão se contrapor ao "erro", a temida degradação moral que pode culminar na criminalidade. O Semear aparece, para seus alunos, como um "recurso relacional" acionável, que remete à decodificação de uma situação e a uma capacidade de agir no sentido de se contraporem às influências negativas que podem advir da falência do Estado se refletido nas instituições de socialização, num momento em que se tem que fazer escolhas básicas dentro de um universo que é visto como restrito: ou se trabalha, ou se fica parado, ou se vira bandido.¹⁶

"A maioria trabalha. Muitos já morreram, outros são bandidos, que, por exemplo, a maioria no momento trabalha, outros tão parados, outros já morreram, são bandidos, não tem jeito" (A., 19).

Pela fala dos jovens, percebe-se que o momento da escolha é o momento em que têm que gerir os riscos para se protegerem da violência cotidiana. O Projeto funciona, portanto, como um suporte importante que os retira do estado de "bobeira", aquele "estado de disponibilidade e incerteza que facilita o aliciamento para atividades que podem conduzir a infrações penais ¹⁷".

"Acho que meu pensamento é esse. Não quero ficar na favela, de bobeira. Lá, de repente, toma um pipoco doido, lá, perdido, enquanto aqui tá tranqüilo, tá estudando, como é que se diz... alimentação, tem estudo, tem recreação. Aí que a rapaziada gosta" (A., 19)".

A desconfiança em relação ao tempo livre vivido como ócio, nas camadas populares, se dá porque esses jovens são considerados potencialmente infratores e muitas vezes acabam se vendo assim.¹⁸

"É, foi o momento que me ajudou muito, porque enquanto eu estava aqui, não estava na favela, pensando besteira e não estava me envolvendo com nada, né, ocupado com os estudos" (A., 19)".

Essa referência torna claro como o trabalho e a educação que os mantêm "ocupados" aparecem associados ao tema da violência, já que a escola surge como locus de proteção contra a entrada na marginalidade ao inseri-los em outra rede de relações que pode alterar seus horizontes ao se apresentar como uma forma de resistência contra o modelo violento, incentivador e canalizador dos sonhos da rapaziada.¹⁹

" Escovo o dente com água e sabão/A água sai é do valão/Eu não tenho escola prá aprender a ler?/Vagabundo eu sei que vou ser/Eu só sei que sou um sonhador/Sou menino de pé no chão/No Semear eu sou..." (Rap, W., 15)".

Considerações Finais

Quando parece que, no Brasil, o Estado retira-se cada vez mais de áreas sociais consideradas prioritárias para a população, como a da educação, projetos como o Semear, com seus limites e possibilidades, tornam-se uma tentativa concreta de superar os impasses criados pela falta de políticas públicas dirigidas às crianças e jovens, segmento da população mais vulnerável ao processo de fratura social que o país enfrenta. Com sua dinâmica centrada no binômio educação e educação para o trabalho, o Projeto reflete o esforço de compensar o processo de expulsão da escola que atinge duramente sua clientela, propondo uma ação social através de uma pedagogia renovada, inspirada naquela que marcou os chamados projetos "alternativos" surgidos a partir dos anos 80.²⁰

Mesmo guardando certas ambigüidades, como a de reforçar em seus atendidos o estigma de "meninos de rua" contra o qual eles lutam (o depoimento de M., 16 anos, que freqüentava o Projeto de dia e estudava em outra escola à noite, foi esclarecedor desse paradoxo. Ela explicou que se mantinha assim, não por não gostar do Projeto, mas por não querer ser identificada como "menina de rua". Pelo mesmo motivo, não se deixou filmar para o Fantástico, programa da TV Globo: "todo mundo ia me ver e dizer que sou menina de rua!"). O Semear continua a ser visto como "um lugar melhor do que uma escola" já que lhes dá, educação e oportunidades, revelando-se também como um espaço de proteção e de suporte que os integra, se contrapondo à pobreza, à violência e à marginalidade que vivenciam no dia-a-dia.

À medida que os meninos e meninas procuram espontaneamente pelo Projeto, eles o legitimam e demonstram que, tal como Alain Faure²¹ constatou na França entre os jovens suburbanos, os jovens no Brasil identificam e também estão com vontade e disposição para lutarem por alternativas em favor de si mesmos.

"No Semear estou bem encaminhado. Lá fora é agitado, clima de pessoas... brigam... guerra... morte. Aqui não. Aqui, vem prá cá, se relaxa, fica tranquilo", fica participando da regra daqui. Me apeguei ao Semear" (A., 17).

Notas

- ¹ PAIVA, Vanilda. Violência e pobreza: a educação dos pobres. In: ZALUAR, Alba. Violência e educação. São Paulo: Cortez, 1992.
- ² BRASIL. Leis, Decretos. Lei n. 5.692, 11 de agosto de 1971. Brasília: Departamento do Ensino Médio, [199-]. 26 p.
- ³ ARAÚJO, Silvana Micelli. Os conflitos da minoridade: um estudo da produção jurídica do menor. Rio de Janeiro: PUC, 1985.
- ⁴ LANDIM, Leilah. Para além do mercado e do estado? Filantropia e cidadania no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1993.
- ⁵ FONSECA, Cláudia. Crianças em circulação. Ciência Hoje, v. 11, n. 66, 1990.
- ⁶ ALVIM, Maria Rosilene B. A juventude no Brasil e a realidade social. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995. Mimeo.
- ⁷ PAIVA, Vanilda. op. cit.
- ⁸ QUEIROZ, Amélia M. N. Pessoa de. O Caso Semear: a Construção da identidade e a conquista da cidadania. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- ⁹ RIBEIRO, Sérgio Costa. Educação e cidadania. In: VELLOSO, J. P. dos Reis, ALBUQUERQUE, R. C. de. Educação e modernidade. São Paulo: Nobel, 1993.
- ¹⁰ BOURDIEU, Pierre. A Economia das trocas simbólicas, 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- ¹¹ Id. Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.
- ¹² PAIVA, Vanilda. op. cit.
- ¹³ ALVIM, Maria Rosilene B. O trabalho infante-juvenil em discussão. In: MARTINS, Heloísa de Souza; RAMALHO, José Ricardo. Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho. São Paulo: Hucitec, 1994.
- ¹⁴ CHINELLI, Filippina. Violência, mercado de trabalho e cidadania: o projeto pedagógico das escolas de samba. In: VILLAS BÔAS, Glaucia, GONÇALVES, Marco Antônio. O Brasil na virada do século. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- ¹⁵ SILVA, Luis Antonio Machado da. Política, cotidiano e violência urbana: breve memória. Caxambú: [s.n.]. Mimeo. 1989. Texto apresentado no XII Encontro da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais).
- ¹⁶ POLLAK, Michael. L'Expérience concentrationnaire: essai sur la mantien de l'identité sociale. Paris: Métailié, 1990.

¹⁷ PAIVA, Vanilda. op. cit.

¹⁸ MAIA, Eline Deccache. Trabalho e criminalidade: o destino traçado para as crianças e adolescentes das classes populares. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1994. Dissertação de Mestrado.

¹⁹ PAIM, Eugênia. Organizações da sociedade civil, filantropia e exclusão: repensando o papel dos projetos de assistência á crianças e jovens no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. Primeiro Encontro da Rede de Pesquisas sobre o Terceiro Setor na América Latina e Caribe (ISTR), ISER; Escola de Serviço Social.

²⁰ ALVIM, Maria Rosilene B. Infância das classes populares: a constituição da infância como problema social no Brasil. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva, PESSANHA, Elina da Fonte. O Trabalhador carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed JC, 1995.

²¹ FAURE, Alain. A França Assombrada pelos Subúrbios. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 nov. 1995. Caderno internacional, p. 18.

| [Voltar](#) |
